



---

## **SOBRE A DOCTRINA TELEOLÓGICA DAS CIÊNCIAS NA FENOMENOLOGIA DE HUSSERL \***

*On the teleological doctrine of the sciences in Husserl's phenomenology*

Carlos Diógenes Côrtes Tourinho \*\*

**Resumo:** O presente artigo aborda a doutrina teleológica das ciências na fenomenologia de Husserl. Dividido em duas partes principais, o artigo analisa, inicialmente, o duplo movimento das realizações científicas: a possibilidade de retorno sobre um conhecimento demonstrado e o avanço crescente das ciências, guiado pela ideia teleológica geral de “ciência autêntica”. Na segunda parte, o artigo aborda a evolução das ciências da natureza através da elaboração e contínua confirmação de suas hipóteses, em um progresso infinito de realizações em direção a um polo “infinitamente distante”. O artigo destaca ainda o sentido fenomenológico desse progresso, bem como suas implicações propedêuticas na fenomenologia de Husserl.

**Palavras-chaves:** Edmund Husserl. Ciências. Teleologia. Infinito. Progresso.

**Abstract:** The present paper approaches the teleological doctrine of sciences in Husserl's phenomenology. Divided into two main parts, the article initially deals with the double movement of sciences: the possibility of returning to a demonstrated knowledge and the growing advance, guided by the general teleological idea of “authentic science”. In the second part, the paper approaches the evolution of the natural sciences through the elaboration and permanent confirmation of its hypotheses, in an infinite progress of achievements towards

---

\* Artigo submetido em 11.04.2022 e aprovado para publicação em 26.10.2022.

\*\* Doutor em Filosofia pela PUC- Rio (2003); professor associado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

an “infinitely distant” pole. The paper also highlights the phenomenological meaning of this progress, as well as its propaedeutic implications in Husserl’s phenomenology.

Keywords: Edmund Husserl. Science. Teleology. Infinite. Progress.

## **Introdução**

**A**o final da primeira parte da famosa conferência de Viena – intitulada *A crise da humanidade europeia e a filosofia* (“Die Krisis des europäischen Menschentums und die Philosophie”), proferida, pela primeira vez, em maio de 1935 – na qual encontramos a consolidação das reflexões husserlianas sobre a crise da Europa, Husserl destaca, em uma passagem bem conhecida do grande público, a tese segundo a qual a Filosofia exerceria, constantemente, a sua função “arcôntica” (*archontische*) em toda a humanidade europeia<sup>1</sup>. Uma análise breve da concepção husserliana da Filosofia como um *telos* espiritual do homem europeu nos faz passar do ideal da razão filosófica, da “ideia de uma tarefa infinita” (*Idee einer unendlichen Aufgabe*), para a marcha das ciências que, enquanto “ciências particulares” (*Sonderwissenschaften*), consistiriam, para Husserl, em ramificações sistemáticas da própria Filosofia<sup>2</sup>. Tais ciências abrigariam, por sua vez, suas próprias realizações teleológicas. O leitor não encontra, contudo, especificamente, na famosa conferência de 1935, uma análise pormenorizada de tais realizações científicas, deixando de fora o que se convencionou chamar, em Husserl, de “doutrina teleológica das ciências”, isto é, a doutrina segundo a qual tais realizações sucedem-se, guiadas por uma “ideia fim” (*Zweckidee*), em níveis crescentes de perfeição, desenrolando-se em uma marcha cujo caminho se abre ao infinito sob tal determinação teleológica. Tal ideia fim cumpriria, na visão de Husserl, um papel decisivo na determinação do sentido de “ciência” e da dinâmica das realizações científicas que, como tais, não são analisadas detalhadamente na conferência de Viena. Isso não significa dizer, porém, que a referida doutrina já não estivesse, nos anos 30, consolidada no pensamento husserliano. Mas, o que essa doutrina – que coloca, de um lado, os esforços científicos e suas realizações e, de outro, uma ideia fim que as guia continuamente – nos revela, exatamente? O presente artigo procura introduzir a doutrina teleológica das ciências em Husserl e, ao fazê-lo, analisa os seus principais conceitos para mostrar, ao final, como resultado dessa análise, que tal doutrina esconde, em seu “subsolo”, prin-

<sup>1</sup> HUSSERL, E. “Die Krisis des europäischen Menschentums und die Philosophie”. In: *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. Husserliana. Band VI. Netherlands: Martinus Nijhoff, [1935] 1976, I, p. 336.

<sup>2</sup> HUSSERL. “Die Krisis des europäischen Menschentums und die Philosophie”, I, p. 321.

cípios propedêuticos à fenomenologia husserliana. Começamos, então, pela introdução da doutrina em questão.

## **1. O duplo movimento das ciências e a nostalgia das realizações científicas**

A prova de que Husserl nos fornece, quatro anos antes da conferência de 1935, ao menos, uma breve elucidção da doutrina teleológica das ciências, encontra-se nos primeiros parágrafos de *Meditações Cartesianas* (obra publicada em 1931, como resultado das *Conferências de Paris*, de 1929), nos quais o autor se dedica à análise da ideia central em torno da qual se moveria a atividade científica<sup>3</sup>. As ciências teriam, para além de suas capacidades teóricas e práticas (explicativas e demonstrativas em sentido experimental, exercidas pelo cientista na investigação do seu objeto), uma teleologia própria que as guiaria: a de pretender realizar, por um esforço contínuo, a ideia diretriz de se constituir como uma “ciência autêntica”

---

<sup>3</sup> Um olhar panorâmico sobre o itinerário husserliano nos permite notar que a doutrina teleológica das ciências já se encontra, nos anos 30, definitivamente consolidada no pensamento de Husserl. Porém, conforme mostraremos adiante, trata-se de uma doutrina cujas teses podem ser notadas anteriormente, como nos mostra, detalhadamente, o seminário de inverno de 1924, intitulado *Filosofia Primeira*. Se considerarmos ainda que, antes mesmo de pensar a dinâmica das realizações científicas no âmbito das ciências empíricas, Husserl tematiza a ideia de “ciência autêntica”, aspirando à fundamentação teórica da própria filosofia como uma “ciência de rigor”, notaremos que a tematização desta “ideia fim” para a qual se voltam às ciências remonta a um período histórico bem anterior ao início dos anos 20. Afinal, como lembra Fradique Morujão, “Das *Investigações Lógicas a A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*, uma intenção primária dá corpo e articula os sucessivos trabalhos de Husserl, inéditos ou não. Esse denominador comum, podemos defini-lo como a *exigência da filosofia como ciência rigorosa*” (MORUJÃO, A. F. “Husserl e a filosofia como ciência rigorosa”. In: Morujão, A. F. *Estudos Filosóficos – Volume 1*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 147). Seja como for, a doutrina teleológica das ciências corresponde apenas a um dos aspectos do tema da teleologia na fenomenologia husserliana que, como assinala Rudolf Bernet, aparece dominada por “motivos teleológicos” (BERNET, R. *La vie du sujet. Recherches sur l’interprétation de Husserl dans la phenomenology*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994, p. 121). Conforme destaca Di Huang: “Nós temos visto que teleologia em Husserl é uma noção complicada e de várias camadas” (HUANG, D. “Normativity and Teleology in Husserl’s Genetic Phenomenology”. In: *Husserl Studies*. 38, 2022, p. 33). Identificar tais camadas teleológicas, elucidando a conexão entre as mesmas, torna-se de suma importância. Daí notarmos, ao menos, as conexões entre: o ideal da razão filosófica de contemplação de metas infinitas (entendido como “telos espiritual” da humanidade europeia), as ciências que se ramificam sistematicamente da filosofia, assumindo uma dinâmica teleológica própria e as próprias realizações teleológicas da vida intencional, para as quais Husserl nos chama atenção desde *Investigações Lógicas*, conforme notamos no § 16 da Sexta Investigação (HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen*. Zweiter Band. Teil II. “Elemente einer phänomenologischen Aufklärung der Erkenntnis”. Stuttgart, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, [1901] 1913b / 1968, §16). Engana-se, portanto, o leitor, ao considerar o tema da teleologia como um aporte tardio na fenomenologia husserliana, restrito aos últimos trabalhos de Husserl.

(*echter Wissenschaft*), conforme salienta Husserl, no § 4 da referida obra<sup>4</sup>. Não se trata, como assinala o autor, da formação do conceito de “ciência” através de uma abstração comparativa baseada nas ciências fáticas, mas sim, de uma pretensão que tais ciências trariam consigo, sem que pudessem justificá-la através de sua própria existência enquanto fenômeno de cultura. E é justamente nessa pretensão para a qual Husserl nos chama a atenção que encontramos, pode-se dizer, a ciência como “ideia” – “ideia de ciência autêntica” (*Idee echter Wissenschaft*). Trata-se do ideal de uma ciência que, em conformidade com seu objeto, pudesse obter verdades cuja validade abrangesse, definitivamente, a todos e de uma vez por todas<sup>5</sup>. Eis, na visão de Husserl, um fim último que, por ser meramente “ideal”, se manteria no horizonte das realizações científicas. A ideia de “ciência autêntica” seria, portanto, definida como ideia teleológica que polarizaria com os esforços da ciência em suas realizações. Mas, como poderíamos entender tal polarização? Vejamos.

---

<sup>4</sup> HUSSERL, *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*. Husserliana (Band I). Den Haag, Netherlands: Martinus Nijhoff, [1931/ 1929] 1973, § 4.

<sup>5</sup> HUSSERL, E. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, p. 50. Pode-se dizer, grosso modo, que o ideal de ciência autêntica, explicitado em *Meditações Cartesianas*, traz consigo a ideia do conhecimento fundado em juízos evidentes. Tal ideia supõe, por sua vez, a versão husserliana de uma teoria da adequação dos objetos que, por sua vez, implica em uma teoria da evidência das coisas (ou de um estado das mesmas). Afinal, como nos mostra Husserl desde *Investigações Lógicas*, somente podemos falar em „conhecimento“ na medida em que intenções significativas são, eventualmente, „preenchidas“ intuitivamente pela evidência da presença da coisa visada. A evidência nos proporciona, segundo Husserl, a experiência de um ser e da sua maneira de ser. Nela, a coisa intencionada não é apenas visada de forma “remota” (*sachfernen*), como objeto de uma intenção meramente significativa. Antes disso, a coisa visada nos é, de certo modo, presente “ela própria”, em seu estado de coisa “ele próprio”. Neste sentido, conforme Husserl esclarece em *Meditações*, a evidência torna-se o „primeiro princípio metódico“ (*erstes methodisches Prinzip*), destinando a reger, na investigação de um objeto, todos os passos ulteriores (HUSSERL, *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, § 4, p. 53). No que concerne às ciências, Husserl é categórico ao afirmar que o cientista não quer apenas formular juízos sobre os seus objetos, mas, antes sim, quer fundá-los na evidência de um estado de coisas, não podendo atribuir validade a um juízo qualquer se não tiver extraído tal validade judicativa do que é evidente. Trata-se do princípio husserliano de „somente julgar na evidência“ (*nur in Evidenz zu urteilen*) (HUSSERL, E. *Erste Philosophie* (1923/1924). Erster Teil, p. 18). Em uma teoria dos julgamentos evidentes, temos algo como uma “hierarquia de evidências” (*Stufenfolge der Evidenzen*). Nela, os juízos cuja evidência é a mais originária devem ser a priori os “juízos de experiência” (*Erfahrungsurteile*), dirigidos sobre os dados da percepção. Daí Husserl afirmar: “o que é primeiro em si em uma teoria dos julgamentos evidentes é o retorno genético das evidências predicativas à evidência não predicativa que se chama então experiência” (HUSSERL, E. *Formale und transzendente Logik. Versuch einer Kritik der logischen Vernunft*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, [1929] 1981, p. 186). Husserl não hesitará, com base no princípio em questão, em introduzir um sentido fenomenológico da ideia de „progresso“, no qual a ordenação crescente do conhecimento não seria fortuita, mas, antes sim, fundada na natureza das coisas elas mesmas (HUSSERL, *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, § 4, p. 53). E é justamente isso que permitirá a Husserl falar – no „bom sentido“ (*guten Sinn*) da palavra – em „positivismo“, para além das críticas dirigidas por ele próprio às ciências positivas de sua época (HUSSERL, *Erste Philosophie*. [1923/1924] 1959 a, p. 125).

No geral, a atividade científica avança, segundo Husserl, através de esforços renovados, de realização em realização, de um estágio menos perfeito para outro com maior perfeição, através de aproximações sucessivas, em direção à obtenção de um conhecimento cada vez mais preciso. Husserl considera, no mesmo § 4 de *Meditações Cartesianas*, o conhecimento como uma “aquisição permanente” (*bleibender Erwerb*) para a qual as ciências podem retornar, reproduzindo, inúmeras vezes, a sua demonstração<sup>6</sup>. Trata-se, portanto, de um movimento através do qual a ciência assegura, nos termos do autor, a liberdade de “realizar de novo” (*Wieder-verwirklichung*)<sup>7</sup>, de retornar novamente a uma justificação estabelecida, demonstrada como identicamente a mesma, fazendo dela própria uma “aquisição” (*Erwerb*), revivendo-a quantas vezes for necessário. Todavia, malgrado essa liberdade de retornar a um conhecimento adquirido, se a ciência exerce, de tempos em tempos, a corrigibilidade de suas conjecturas, é na medida em que tal movimento de revisão é determinado por algo que atua, em geral, como uma “tração ininterrupta” no próprio trabalho científico, capaz de fazer com que as ciências avancem em direção a um momento de realização mais perfeito que o anterior. Neste sentido, pode-se dizer que as ciências convergem, segundo Husserl, conforme esclarece no § 5 de *Meditações*, para aquilo que, em última instância, aspiram, em sentido verdadeiro e próprio, como um fim ideal: o alcance de verdades “válidas de uma vez por todas e para todos” (*ein für allemal und für jedermann gültig*)<sup>8</sup>.

Deste modo, afirma-nos o autor, a despeito de tal processo de corrigibilidade inerente à atividade científica (pois, sabemos que as ciências não evoluiriam sem a possibilidade do erro e revisão de suas hipóteses), nada poderia impedir as ciências de viver, por um contínuo “esforço científico” (*wissenschaftliches Streben*), o sentido do que aspiram e do que as move, preservando, ininterruptamente, uma ideia clara e distinta desse fim último almejado<sup>9</sup>. As ciências desenvolvem-se, então, na visão husserliana, em um “progresso infinito” (*unendlichen Progressus*), inclinadas à busca por maior exatidão e precisão, exibindo um estado corrente de realização, no qual tendem para o alcance de uma perfeição crescente, gradualmente realizada. Tal estado corrente de realização é, por conseguinte, algo “relativo” para a ciência, na medida em que os momentos alcançados tornam-se, enquanto realizações parciais, objetivos intermediários entre estados com maior e menor perfeição<sup>10</sup>.

Neste sentido, a análise dos momentos constitutivos desta “ideia teleológica geral” (*allgemeine Zweckidee*) para a qual convergem as ciências nos remete para um duplo movimento das realizações científicas: por

<sup>6</sup> HUSSERL, *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, p. 51.

<sup>7</sup> *Ibidem.*, p. 51.

<sup>8</sup> *Ibidem.*, p. 53.

<sup>9</sup> *Ibidem.*, p. 50.

<sup>10</sup> MURALT, A. *The Idea of Phenomenology: Husserlian Exemplarism*, Evanston: Northwestern University Press, 1974, p. 11.

um lado, uma vez alcançado um dado estado de realização, a ciência retorna à demonstração de um conhecimento adquirido quantas vezes lhe convier; mas, ao mesmo tempo em que retorna a essa demonstração, não hesita em renovar um ímpeto, em lançar mão de um novo esforço, em aspirar algo que a leve além de si mesma, almejando uma realização ainda mais perfeita que aquela anteriormente alcançada. Tal aspiração continua revela a “pretensão” (*Prätention*) que as ciências carregam consigo de superarem, continuamente, a si próprias, visando alcançar níveis maiores de exatidão e precisão, sempre sob um horizonte que tem ao fundo o “fim ideal” de obter verdades que possam valer para todos e de uma vez por todas<sup>11</sup>. Sabemos, é certo, que as ciências não podem, dado que suas realizações são parciais (devido à limitação de suas próprias capacidades teóricas e práticas), alcançar plenamente o fim que, em última instância, almejam. Isso não impede, contudo, conforme dito, que as ciências convirjam, malgrado suas especialidades, para uma ideia clara e distinta desse fim último, vivenciando-o, continuamente, em suas realizações<sup>12</sup>. Afinal, não seria justamente o amor por essa ideia fim da qual nos fala Husserl o que moveria, ao longo da carreira de um cientista, toda a sua trajetória e a de outros tantos? Tratar-se-ia, portanto, de uma “presença ideal” permanente na dinâmica das realizações científicas. Porém, uma presença cuja realização plena encontrar-se-ia no infinito, tornando-se, por conseguinte, um ideal jamais preenchido plenamente pela ciência.

Mas, engana-se quem considere que a doutrina teleológica das ciências seja um tema tardio no pensamento husserliano, somente introduzido em 1931. Sete anos antes da publicação de *Meditações*, no seminário de inverno de 1924, especificamente, na Lição 29 do Volume II de *Filosofia Primeira*, Husserl nos diz: no que concerne ao processo infinito de realização do

---

<sup>11</sup> “...a estrutura da ciência aparece como necessariamente fundada em relação a essa ideia teleológica”. GARULLI, E. “The Crisis of Science as a Crisis of Teleological Reason”. In: *The Teleologies in Husserlian Phenomenology*. Analecta Husserliana (Volume IX). Editor: Anna-Tereza Tymiencka. Dordrecht/ Boston/ London: D. Reidel Publishing Company, 1979, p. 101.

<sup>12</sup> Segundo André Muralt, o maior risco não estaria, propriamente, em não realizar, plenamente, esse fim último, pois tal realização plena não seria possível, mas, antes sim, o de omitir a ideia responsável por determinar a dinâmica do trabalho científico, tornando-se, assim, uma espécie de “possibilidade essencial” (*Wesensmöglichkeit*) que emerge de uma consciência reflexiva originária (*prise de conscience*) do “sentido de ciência”. MURALT, *The Idea of Phenomenology: Husserlian Exemplarism*, p. 12. Ainda sobre o tema em questão, Rudolf Bernet afirma que o ideal teleológico de verdade absoluta só pode ser compreendido com base em sua consciência radical da finitude do conhecimento humano. Segundo o autor, Husserl se apoia “na possibilidade de erro e na tensão entre o desejo de conhecimento absoluto e a necessária frustração desse desejo. Husserl não pretende resolver essa tensão por meio do ideal de cognição teleologicamente antecipado. Pelo contrário, uma forma completamente responsável de práxis cognitiva insiste em aceitar plenamente essa tensão e a infinita tarefa filosófica resultante”. BERNET, R. “Perception as a Teleological Process of Cognition”, In: *The Teleologies in Husserlian Phenomenology*. Analecta Husserliana (Volume IX). Editor: Anna-Tereza Tymiencka. Dordrecht/ Boston/ London: D. Reidel Publishing Company, 1979, p. 119.

movimento em direção ao conhecimento, “todo fim último é apenas um *telos* relativo” (“*jedes Endziel ist nur relatives τέλος*”)¹³. Eis um princípio que nos ensina algo muito importante sobre a própria dinâmica das realizações científicas, ao menos, tal como Husserl a vê. Muito embora um estado de realização científica seja imperfeito (uma vez que é transitório e, portanto, não é definitivo), exhibe, nele próprio, certo “preenchimento” da ideia fim última aspirada, ainda que relativamente ao momento presente vivido pela ciência. As ciências vivenciam, com isso, nos termos da lição acima, certa “nostalgia” (“*Sehnsucht*”), na medida em que sustentam, continuamente, através de atos de conhecimento, uma aspiração infinita, realizada, contudo, apenas de maneira relativa¹⁴. Seja como for, um estado atual vivido pela ciência é, de qualquer modo, um estado mais completo que aquele que lhe precedeu, de modo que o que foi alcançado no momento seguinte seria como que o *telos* (relativo) para o qual a ciência tendeu em seu estado anterior. Abre-se, com isso, uma dualidade que coloca, de um lado, as realizações científicas e, de outro, a ideia fim que as guia, determinando, nelas, o próprio sentido de ciência em geral, bem como a dinâmica de tais realizações¹⁵. Assim, guiadas por esta “ideia fim” (*Zweckidee*) para a qual Husserl nos chama a atenção, as ciências creem superar o conhecimento ingênuo, bem como superar *in infinitum* a si próprias, em sua tendência para a universalidade¹⁶.

Portanto, para Husserl, conduzidas pela ideia fim de se constituir como ciência autêntica, as ciências têm, continuamente, em seu horizonte, um fim último que jamais poderão realizar plenamente, somente podendo preenchê-lo parcialmente (por conta das suas próprias limitações). Tudo isso nos permite discernir, na sucessão progressiva das realizações científicas, um *telos* “relativo” (referente sempre ao momento seguinte em vias de ser alcançado nessa sucessão) e outro “absoluto” (inalcançável, porém, determinante da dinâmica de tais realizações). Cada momento alcançado é sucedido por um novo esforço, cuja meta consiste na superação do que foi conquistado. Ao mesmo tempo em que não têm um preenchimento pleno dessa ideia fim (posto que somente podem preenchê-la parcialmente), as ciências a têm como uma ideia clara e distinta, vivenciando-a, continuamente, em uma nostalgia infinita. Mas, quais os sentidos de infinito podemos encontrar nessa dinâmica das realizações científicas? Vejamos

¹³ HUSSERL, E. *Erste Philosophie*. Zweiter Teil. The Netherlands: Martinus Nijhoff, [1923/1924] 1959 b, p. 14.

¹⁴ HUSSERL, *Erste Philosophie*. Zweiter Teil, p. 14.

¹⁵ Muralt esclarece que: “A noção de ideia encontra-se conectada com a de sentido (*Sinn*): *Sinn* é a tendência para a ideia – o sentido de ciência consiste, por exemplo, em alcançar esta genuinidade ideal, vivenciando-a em suas realizações parciais”. MURALT, *The Idea of Phenomenology: Husserlian Exemplarism*, p. 12.

¹⁶ HUSSERL, *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, p. 53.

## **2. Hipótese e confirmações: o infinito na doutrina teleológica das ciências**

Conforme dizíamos no início do presente artigo, a conferência de Viena não analisa, propriamente, a doutrina teleológica das ciências. Todavia, é preciso ressaltar que o tema da filosofia na crise da humanidade europeia – abordado, inicialmente, em maio de 1935, em Viena – foi novamente abordado em novembro do mesmo ano, em Praga, servindo, dessa vez, de base para que Husserl preparasse as primeiras duas partes de *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* (1936), último grande testemunho do autor sobre o tema em questão. No segundo capítulo e, mais especificamente, no famoso § 9 (das letras “a” a “l”) da referida obra, Husserl retoma a temática do infinito na doutrina teleológica das ciências.

Ao longo desse parágrafo, o autor mostra, recorrendo à história do pensamento científico, como as ciências naturais incorreram, desde Galileu, ao abraçarem um projeto maior de matematização da natureza, em uma espécie de “substrução” (*substruierende*) da própria natureza. Ao adotarem a aplicação da Geometria – convertida em uma aritmetização algébrica – como procedimento metodológico para ampliar a previsão dos fenômenos naturais em um sistema de conexões causais, transformando, sem que se apercebessem, tal procedimento em uma espécie de “roupagem de ideias” (*Ideenkleid*), ou de “roupagem simbólica” (*Kleid der Symbole*), da própria natureza (como se ela mesma fosse, originariamente, matemática), tais ciências naturais perderam de vista o mundo sensível pré-geométrico, espécie de “subsolo” (*Untergrund*) da própria Geometria, conforme denuncia Husserl na letra “b” do parágrafo em questão<sup>17</sup>.

Na leitura do mesmo parágrafo, abre-se, inicialmente, uma polaridade que coloca, de um lado, como pano de fundo, a invenção das figuras geométricas (objetivas e ideais) e, de outro, o mundo circundante intuitivo. Entre os dois polos, encontramos o desafio de elaborar um método que, como uma construção sistemática, fosse capaz de prever, de modo cada vez mais aprimorado, as conexões causais entre os fenômenos da natureza. Na medida em que tomam para si o desafio em questão, as ciências naturais adotam, como procedimento metodológico, a “aplicação” da Geometria. Husserl esclarece que tal aplicação seria o resultado de uma conversão das figuras geométricas (como objetividades ideais, determinadas de modo geral e unívoco) em uma “aritmetica algébrica” (*algebraischen Arithmetik*), isto é, tais figuras receberiam, primeiramente, um tratamento numérico no qual os números empregados passariam, por sua vez, juntamente com letras, sinais de ligação e relação (+, x, =, etc.), a compor equações algébricas, por

---

<sup>17</sup> HUSSERL, E. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. Husserliana. Band VI. Netherlands: Martinus Nijhoff, [1936] 1976, § 9 (letra “b”), p. 26.

intermédio das quais a ciência poderia, então, elaborar “fórmulas numéricas” (*Zahlformeln*)<sup>18</sup>. Através desse “sentido formular” (*Formelsinn*), seria possível prever, em longo alcance, a ocorrência de uma infinidade de fenômenos naturais, cuja relação de “copertencimento” (*Zusammengehörigkeit*) de uns aos outros se daria em um sistema de conexões causais.

Apoiada na evidência dos elementos mais fundamentais da Geometria, por intermédio dos quais são extraídas as figuras geométricas, a atitude do geômetra dá lugar – conforme avançam as ciências da natureza em seu pensamento formular – aos procedimentos técnicos de mensuração dos fenômenos naturais. Husserl entende que as ciências da natureza estariam, continuamente, inclinadas ao aperfeiçoamento de tais procedimentos, visando o aumento da escala de previsibilidade dos fenômenos, bem como a exatidão dos mesmos, mantendo vivo o interesse pelo que é tecnicamente mais refinado. Nos termos do autor: “assim o ideal de perfeição desliza sempre para mais longe” (*...und so schiebt sich das Ideal der Vollkommenheit immer weiter hinaus*)<sup>19</sup>. Ainda assim, por mais êxito que as ciências obtivessem no aprimoramento de suas técnicas de mensuração dos objetos, elas jamais esgotariam, plenamente, segundo Husserl, o intervalo que separa as objetividades ideais da Geometria e os objetos empíricos que habitam o mundo circundante intuitivo. Neste sentido, as ciências estariam, para o autor, destinadas a um processo infinito de incremento da técnica, passando sempre de um estágio de menor precisão para outro maior. Tudo isso já anuncia, ao leitor do § 9, considerações sobre a temática do infinito na doutrina teleológica das ciências.

Na letra “e” do parágrafo em questão, Husserl nos diz que é da própria essência das ciências da natureza – “é *a priori* o seu modo de ser” (*es ist a priori ihre Seinsweise*)<sup>20</sup> – evoluir através da elaboração e contínua confirmação de suas hipóteses. Enquanto uma dada conjectura, toda hipótese traz consigo uma explicação sobre um dado objeto. A explicação é, por sua vez, por definição, “parcial”, uma vez que explicar consiste em tratar uma coisa em termos de outra (jamais em seus próprios termos). Na hipótese, a explicação aparece mediante a relação condicional entre juízos (se estivermos tratando do fenômeno químico da solubilidade, diremos, por exemplo, que uma substância solúvel é toda substância que, se colocada em água não saturada, se dissolve). Enquanto uma dada conjectura, uma hipótese somente se torna uma “verdade científica” (*wissenschaftliche Wahrheit*) – concebida como um conjunto de relações predicativas fundadas na evidência<sup>21</sup> – na medida em que o cientista é bem sucedido em demonstrá-la experimentalmente. Neste sentido, pode-se dizer que o experi-

<sup>18</sup> *Ibidem.*, § 9 (letra “g”), p. 46.

<sup>19</sup> *Ibidem.*, § 9 (letra “a”), p. 23.

<sup>20</sup> *Ibidem.*, § 9 (letra “e”), p. 41.

<sup>21</sup> HUSSERL, *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, p. 52.

mento é uma espécie de “testemunha” da hipótese formulada. Mas, apesar dessa confirmação, toda hipótese permanece, nos termos de Husserl, uma “hipótese para sempre” (*denn die Hypothese bleibt trotz der Bewährung auch weiter und für immer Hypothese*)<sup>22</sup>. Sabemos que o que conta, decisivamente, a favor da aceitação de uma teoria em ciência é o seu poder explicativo e preditivo. E o aumento gradativo desse poder somente se torna possível através dessa dupla operação de formular hipóteses sobre os objetos e confirmá-las experimentalmente. Daí Husserl dizer que é da essência das ciências da natureza “ser hipótese até o infinito e, até o infinito, confirmação” (*ins Unendliche Hypothese und ins Unendliche Bewährung zu sein*)<sup>23</sup>.

A temática do retorno das ciências sobre uma hipótese demonstrada experimentalmente reaparece aqui. O cientista (ou aquele a quem possa interessar) poderá retornar quantas vezes lhe convier sobre uma hipótese (enquanto uma “realização científica”). Porém, abre-se aqui um horizonte infinito de “confirmações”, pois cada retorno sobre uma hipótese demonstrada experimentalmente é também a ocasião para renovar ou *não* a sua confirmação. Eis uma possibilidade que se mantém, permanentemente, aberta: a corrigibilidade das hipóteses. E, como destaca Husserl, na própria letra “e” do § 9, tais correções eventuais (assim como ocorre, aliás, na vida prática) não aconteceriam sem a possibilidade do erro<sup>24</sup>. Afinal, como pensar a própria evolução das ciências sem que houvesse tal possibilidade? Seja como for, o leitor de Husserl reencontra a doutrina segundo a qual as ciências desenvolvem-se em uma marcha progressiva, marcada por aumentos gradativos de exatidão explicativa e preditiva. Tais aumentos ocorreriam, segundo Husserl, em uma progressão ao infinito. Daí o autor dizer que “...em todos os conceitos, proposições ou métodos que exprimem uma ‘exatidão’, uma idealidade, se esconde o ‘in infinitum’”<sup>25</sup>.

Eis, portanto, nas famosas letras do § 9, o momento no qual a temática do infinito volta a se destacar na abordagem da marcha teleológica das ciências. Por um lado, pode-se dizer que toda hipótese científica – uma vez demonstrada experimentalmente e “confirmada” inúmeras vezes – expressa certa exatidão. Mas, ao fazê-lo, tal hipótese oculta certo sentido do infinito, pois, as inúmeras confirmações sobre o que foi demonstrado não deixam de ter a concorrência de uma eventual “não-confirmação” que, caso ultrapasse uma margem de erro tolerável nas ciências, se torna suficiente para a corrigibilidade da hipótese vigente. E é justamente esta “abertura” que permite, graças à possibilidade do erro, a correção da hipótese atual, abrindo, ao infinito (pode-se dizer, em sentido “numérico”, pois permite

<sup>22</sup> HUSSERL, *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*, § 9 (letra “e”), p. 41.

<sup>23</sup> *Ibidem.*, p. 41.

<sup>24</sup> *Ibidem.*, p. 41.

<sup>25</sup> *Ibidem.*, p. 41.

sempre o acréscimo de *mais* uma hipótese), um caminho de sucessivas elaborações de novas hipóteses e confirmações, cujo poder explicativo e preditivo é sempre maior que na hipótese anterior, trazendo-nos, assim, nos termos de Husserl, uma representação mais precisa da “verdadeira natureza” (“*wahre Natur*”) <sup>26</sup>. Essa é, por sua vez, segundo o autor, um “polo infinitamente distante” (*unendlicher ferner “Pol”*), para o qual a ciência se volta teleologicamente, somente podendo pensá-lo, parcialmente, através da formulação de novas hipóteses e de suas respectivas confirmações. Se em sentido “numérico”, o infinito estaria relacionado a essa abertura, por intermédio da qual se torna sempre possível acrescentar uma nova hipótese e suas confirmações, em sentido “teleológico”, o infinito seria esse polo permanente ao fundo de um horizonte que somente poderia ser preenchido pelas ciências parcialmente, através da formulação de hipóteses, passíveis de correções ocasionais. A marcha teleológica das ciências é, portanto, para Husserl, um progresso infinito de realizações em direção a um polo “infinito”.

### **Considerações Finais**

Como dizíamos na introdução do presente artigo, a doutrina teleológica das ciências em Husserl esconde, em seu “subsolo”, princípios propedêuticos à fenomenologia husserliana. Tais princípios começam a se revelar quando perguntamos pelo sentido assumido pela noção de “progresso” (*Progressus, Fortschritt*) – tão cara às ciências positivas! – na doutrina em questão. Para Husserl, o modo de pensar da ciência é um modo “judicativo” (*urteilendes Denken*) <sup>27</sup>. Como vimos, hipóteses científicas contém explicações sobre objetos, relacionando, por sua vez, em um conjunto de relações predicativas, juízos em termos condicionais (ou causais). Porém, Husserl nos alerta que o cientista não quer apenas formular juízos sobre objetos. Antes sim, procura fundá-los na “evidência” de um estado de coisas <sup>28</sup>. Trata-se aí do princípio husserliano de “somente julgar na evidência” (*nur in Evidenz zu urteilen*) <sup>29</sup>. O conceito de “evidência” (*Evidenz, Einsicht*) assume, como sabemos, um papel central no programa da fenomenologia husserliana, uma vez que se encontra, desde *Investigações Lógicas* (1901), intimamente relacionado à ideia de “preenchimento intuitivo”, na qual a coisa visada significativamente se evidencia em sua “presença”, gerando uma síntese

<sup>26</sup> *Ibidem.*, p. 41.

<sup>27</sup> HUSSERL, *Formale und transzendente Logik*, § 5, p. 23.

<sup>28</sup> HUSSERL, *Cartesianische Meditationen und Pariser Vortr ge*, p. 51.

<sup>29</sup> HUSSERL, E. *Erste Philosophie* (1923/1924). Erster Teil. The Netherlands: Martinus Nijhoff, [1923/1924] 1959 a, p. 18.

entre intenções significativas e intuitivas<sup>30</sup>. Daí Husserl dizer: “Equipararmos o preenchimento ao conhecimento (em sentido estrito)” (“*Wir hatten Erfüllung mit Erkennung (im engeren Sinn) gleichgesetzt*”)<sup>31</sup>.

Acrescenta-se a isso que a evidência de um estado de coisas – expressa, predicativamente, em uma ação judicativa – supõe, segundo Husserl, uma evidência pré-predicativa da própria coisa em sua “doação efetiva”, o que faz com que o princípio de somente julgar na evidência esteja fundado em evidências anteriores a quaisquer predicacões. Por isso, Husserl nos diz: toda “evidência predicativa implica em uma evidência pré-predicativa” (*Prädikative Evidenz schließt vorprädikative ein*)<sup>32</sup>. Neste sentido, o autor destaca, no § 5 de *Meditações Cartesianas* (1931), que o progresso das ciências não resultaria de um “começo e fim” (*Anfang und Fortgang*) fortuitos, mas, estaria fundado na “natureza das próprias coisas” (*in der Natur der Sachen selbst*)<sup>33</sup> e, mais especificamente, na evidenciação das mesmas. Tudo isso nos aproxima, poder-se-ia dizer, de um sentido dito “fenomenológico” da noção de progresso, o que nos permite compreender passagens nas quais Husserl se refere aos fenomenólogos como “autênticos positivistas” (“... *sind wir die echten Positivisten*”)<sup>34</sup>.

Se a evidência consiste, segundo o próprio autor, no princípio primeiro que deve reger, do ponto de vista metodológico, toda a investigação fenomenológica, é na medida em que a evidência de um estado de coisas supõe a doação efetiva das próprias coisas já no vivido de percepção, considerado

---

<sup>30</sup> Em Husserl, a distinção entre atos intencionais “significativos” e “intuitivos” supõe uma dualidade de funções que coloca, de um lado, a “função simbólica” (*symbolischen Funktion*) de tais atos e, de outro, a sua “função de conhecimento” (*Erkenntnisfunktion*). A primeira dessas funções diz respeito aos atos intencionais meramente significativos, ao passo que a segunda somente se torna possível pela síntese entre atos significativos e seus respectivos “preenchimentos intuitivos” (isto é, não apenas visto significativamente uma coisa, mas também *a vejo* intuitivamente, na medida em que a presença efetiva da mesma se evidencia a mim). Sobre as primeiras palavras de Husserl acerca dessa distinção (HUSSERL, *Logische Untersuchungen*. Zweiter Band. Teil I. “*Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis*”, §§ 9-10).

<sup>31</sup> HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen*. Zweiter Band. Teil II. “*Elemente einer phänomenologischen Aufklärung der Erkenntnis*”. Stuttgart, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, [1901] 1913b / 1968, §16, p. 65.

<sup>32</sup> HUSSERL, *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, § 4, p. 52.

<sup>33</sup> *Ibidem.*, § 4, p. 53.

<sup>34</sup> HUSSERL, E. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, [1913] 1976, § 20, p. 45. Justamente por isso, Timo Miettinen entende que a fenomenologia não poderia, simplesmente, aceitar a ideia pós-moderna segundo a qual as grandes narrativas sobre o progresso tenham perdido a sua força e credibilidade. Antes sim, a resposta ao enfraquecimento dessas narrativas na pós-modernidade exige, segundo o autor, uma rearticulação radical das noções de progresso e de teleologia (rearticulação essa que já podemos encontrar em uma leitura atenta do texto husserliano). MIETTINEN, T. “Teleology beyond metaphysics: husserlian phenomenology and the historical consciousness of modernity”. In: *Journal of Speculative Philosophy*. Volume 28, Nº: 3. 2014, p. 273-283.

por Husserl como paradigmático em relação aos demais<sup>35</sup>. As ciências não poderiam, portanto, seguir uma marcha de realizações progressivas sem que os juízos formulados sobre os objetos estivessem, em alguma medida, fundados na evidência das coisas e essas copertencessem umas às outras em um mesmo sistema de conexões causais. Mas, para que façam parte desse sistema, as coisas devem pertencer ao mundo, aqui entendido como uma espécie de “subsolo pré-científico”, anterior a toda idealidade. Quando dizemos, portanto, que as ciências avançam em um progresso infinito, de realizações em realizações, em direção a um polo “infinitamente distante”, pode-se dizer que estamos diante de uma teleologia “horizontal” (estado de realização científica 1 → estado de realização científica 2 → estado de realização científica 3..... → “ideia fim”/polo infinitamente distante). Porém, as ciências não poderiam seguir tal marcha teleológica sem que os juízos sobre os objetos estivessem, em alguma medida, fundados na evidência de um estado de coisas que, por sua vez, supõe, na experiência pré-predicativa, a evidência das próprias coisas. Tudo isso não seria possível sem o pertencimento delas mesmas ao “solo” (*Boden*) que habitam. Todas as realizações implicam, em última instância, nesta “Terra como solo” (*der Erde als “Boden”*), conforme nos diz o autor, em um opúsculo redigido em maio de 1934<sup>36</sup>. Estamos agora diante de uma teleologia “vertical”. Talvez, por isso, Husserl se refira, no título da famosa letra “h” do § 9 de *Crise, ao mundo da vida (Lebenswelt)* como “fundamento de sentido esquecido da ciência da natureza” (*vergessenenes Sinnfundament der Naturwissenschaft*)<sup>37</sup>. Com isso, o progresso dessa marcha teleológica das ciências nos remete, em última instância, para esse solo originário de todas as coisas, tematizado por Husserl em seus últimos escritos. Um exame mais pormenorizado das relações entre tais teleologias – “horizontal” e “vertical” – ficará, contudo, para outra ocasião.

<sup>35</sup> HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen*. Zweiter Band. Teil II. “Elemente einer phänomenologischen Aufklärung der Erkenntnis”. Stuttgart, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, [1901] 1913b, 1968, §§ 21/37. Nos termos de Emmanuel Levinas: “A percepção se caracteriza pelo fato de ter seu objeto ‘em carne e osso’ (*leibhaftiggeben*) diante dela. É por isso que ela é um ato intuitivo privilegiado, uma intuição originária, como Husserl a denomina”. LEVINAS, E. *Théorie de l’intuition dans la phénoménologie de Husserl*. Paris: Librairie Philosophique J. VRIN, 1963, p. 108.

<sup>36</sup> HUSSERL, E. “Grundlegenden Untersuchungen zum phänomenologischen Ursprung der Räumlichkeit der Natur”. In: Farber, M. (ed.) *Philosophical Essays in memory of Edmund Husserl*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, [1934] 1940, p. 309.

<sup>37</sup> HUSSERL, *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*, § 9 (letra “h”), p. 48. Aurélio Rizzacasa destaca que: “Ao tratar da crise das ciências europeias, a reflexão de Husserl encontra no mundo da vida o *telos* que foi sistematicamente esquecido pelas ciências da natureza no progresso de sua gênese histórica”. RIZZACASA, A. “The Epistemology of the Sciences of Nature in Relation to the Teleology of Research in the Thought of the Later Husserl”, p. 79. Com a crise em questão, perdeu-se de vista a indispensável relação contituidade das realizações teleológicas com a *Lebenswelt*, espécie de “substrato” dessa gênese histórica. RIZZACASA, A. “History, intersubjectivity and Lebenswelt: The individualising dynamisms of passions and the tying of communal order”, p. 141.

## Referências

- BERNET, R. "Perception as a Teleological Process of Cognition". In: *The Teleologies in Husserlian Phenomenology*. Analecta Husserliana (Volume IX). Editor: Anna-Tereza Tymiencka. Dordrecht/ Boston/ London: D. Reidel Publishing Company, 1979.
- BERNET, R. *La vie du sujet. Recherches sur l'interprétation de Husserl dans la phenomenology*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1994.
- GARULLI, E. "The Crisis of Science as a Crisis of Teleological Reason". In: *The Teleologies in Husserlian Phenomenology*. Analecta Husserliana (Volume IX). Editor: Anna-Tereza Tymiencka. Dordrecht/ Boston/ London: D. Reidel Publishing Company, 1979.
- HUANG, D. "Normativity and Teleology in Husserl's Genetic Phenomenology". In: *Husserl Studies*. 38, 2022, p. 17–35.
- HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen*. Zweiter Band. Teil I. "Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis". Stuttgart, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, ([1901] 1913a, 1968).
- HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen*. Zweiter Band. Teil II. "Elemente einer phänomenologischen Aufklärung der Erkenntnis". Stuttgart, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, ([1901] 1913b, 1968).
- HUSSERL, E. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1913] 1976).
- HUSSERL, E. *Erste Philosophie* (1923/1924). Erster Teil. The Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1923/1924] 1959 a).
- HUSSERL, E. *Erste Philosophie* (1923/1924). Zweiter Teil. The Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1923/1924] 1959 b).
- HUSSERL, E. *Formale und transzendente Logik*. Versuch einer Kritik der logischen Vernunft. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, ([1929] 1981).
- HUSSERL, E. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*. Husserliana (Band I). Den Haag, Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1931/ 1929] 1973).
- HUSSERL, E. "Grundlegenden Untersuchungen zum phänomenologischen Ursprung der Räumlichkeit der Natur". In: Farber, M. (ed.) *Philosophical Essays in memory of Edmund Husserl*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, ([1934] 1940).
- HUSSERL, E. "Die Krisis des europäischen Menschentums und die Philosophie". In: *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. Husserliana. Band VI. Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1935] 1976).
- HUSSERL, E. *Phänomenologie*. Husserliana. Band VI. Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1936] 1976).
- LEVINAS, E. *Théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1963.
- MIETTINEN, T. "Teleology beyond metaphysics: husserlian phenomenology and the historical consciousness of modernity". In: *Journal of Speculative Philosophy*. Volume 28, N<sup>o</sup>: 3. 2014, p. 273-283.

MORUJÃO, A. F. "Husserl e a filosofia como ciência rigorosa". In: Morujão, A. F. *Estudos Filosóficos* – Vol 1. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002, p. 147-156.

MURALT, A. *The Idea of Phenomenology: Husserlian Exemplarism*. Evanston: Northwestern University Press, 1974.

RIZZACASA, A. "The Epistemology of the Sciences of Nature in Relation to the Teleology of Research in the Thought of the Later Husserl". In: *The Teleologies in Husserlian Phenomenology*. Analecta Husserliana (Volume IX). Editor: Anna-Tereza Tymiencka. Dordrecht/ Boston/ London: D. Reidel Publishing Company, 1979, p. 73-84.

RIZZACASA, A. "History, intersubjectivity and Lebenswelt: The individualising dynamisms of passions and the tying of communal order". In: *Life in the glory of its radiating manifestations*. Analecta Husserliana (Volume XLVIII). Editor: Anna-Tereza Tymiencka. Dordrecht: Springer, 1996, p. 135-144.

Carlos Diógenes Côrtes Tourinho

Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação/ Departamento de Fundamentos Pedagógicos (SFP).

Campus do Gragoatá/ UFF

São Domingos

24020-200 – Rio de Janeiro, RJ – Brasil

E-mail: cdctourinho@yahoo.com.br